



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – JOÃO PESSOA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E BIOLÓGICAS APLICADAS – CCBSA
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA ELOÁ DE SOUZA MORAES SANTOS

**DO OLLIE À PAZ: COMO A *SKATEISTAN* UTILIZA O ESPORTE E A EDUCAÇÃO
EM PROL DA CULTURA DE DESENVOLVIMENTO E PAZ NO AFEGANISTÃO**

**JOÃO PESSOA
2023**

MARIA ELOÁ DE SOUZA MORAES SANTOS

**DO OLLIE À PAZ: COMO A SKATEISTAN UTILIZA O ESPORTE E A EDUCAÇÃO
EM PROL DA CULTURA DE DESENVOLVIMENTO E PAZ NO AFGANISTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann

Área de Concentração: Segurança Internacional, Estudos para a Paz

**JOÃO PESSOA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237d Santos, Maria Eloá de Souza Moraes.

Do ollie à paz [manuscrito] : como a skateistan utiliza o esporte e a educação em prol da cultura de desenvolvimento e paz no Afeganistão / Maria Eloá de Souza Moraes Santos. - 2023.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Segurança positiva. 2. Construção da paz. 3. Skateistan. 4. Afeganistão. I. Título

21. ed. CDD 327.4

MARIA ELOÁ DE SOUZA MORAES SANTOS

DO OLLIE À PAZ: como a Skateistan utiliza o esporte e a educação em prol da cultura de desenvolvimento e paz no Afeganistão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 27/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Caio Csermak
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, irmãs e amigos(as), por estarem ao meu lado durante esta desafiadora jornada, DEDICO.

SUMÁRIO

| | | |
|---|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 06 |
| 2 | UM NOVO OLHAR SOBRE A PAZ E SEGURANÇA | 07 |
| 3 | ESPORTES PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ | 11 |
| 4 | ORGANIZAÇÃO DE EDP NA ÁSIA: O CONTEXTO AFEGÃO | 15 |
| 5 | ESPORTES RADICAIS: DO OLLIE À PAZ | 21 |
| 6 | SKATEISTAN: UMA ANÁLISE CRÍTICA | 24 |
| 7 | CONCLUSÃO | 28 |
| | REFERÊNCIAS | 31 |

DO OLLIE¹ À PAZ: COMO A SKATEISTAN UTILIZA O ESPORTE E A EDUCAÇÃO EM PROL DA CULTURA DE DESENVOLVIMENTO E PAZ NO AFGANISTÃO

FROM OLLIE TO PEACE: HOW SKATEISTAN USES SPORT AND EDUCATION TOWARDS DEVELOPMENT AND PEACE CULTURE IN AFGHANISTAN

Maria Eloá de Souza Moraes Santos¹

RESUMO

O presente estudo baseia-se na análise do desempenho da ONG internacional Skateistan no processo de construção da cultura de desenvolvimento e paz no Afeganistão entre os anos de 2008 e 2023², por meio de programas de esporte e educacionais desenvolvidos para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Dentro deste contexto, serão abordados o papel das ONGs focadas no Esporte para Desenvolvimento e Paz em países emergentes, elementos de avaliação do seu impacto social e como podem ser aplicados no caso da Skateistan. Tais pontos serão debatidos sob a ótica dos conceitos de segurança positiva, emancipação e *peacebuilding from below* a fim de compreender como a paz pode ser construída por meios não-violentos instituídos por atores não estatais, tal qual vem sendo protagonizado pela Skateistan em mais de uma década de atuação iniciada no Afeganistão e posteriormente expandida para demais países como Camboja e África do Sul.

Palavras-Chave: segurança positiva; construção da paz; Skateistan; Afeganistão.

ABSTRACT

The present study is based on the analysis of the performance of international NGO Skateistan in the process of building development and peace culture in Afghanistan over the years 2008 and 2023 through sports and educational programs for children and young people in vulnerable situations. In this context, it is debated the role of NGOs focused on Sport for Development and Peace in emerging countries, elements of evaluation of their social impact and how they can be applied in the case of Skateistan. These topics will be discussed from the perspective of the concepts of positive security, emancipation and *peace building from below* in order to understand how peace can be built by non-violent means created by non-state actors, as has been carried out by Skateistan through more than a decade of activity started in Afghanistan and later expanded to other countries such as Cambodia and South Africa.

Keywords: positive security; peace building; Skateistan; Afghanistan.

1 INTRODUÇÃO

¹ Ollie: criada por Alan Ollie Gelfand, essa é uma das principais manobras de skate caracterizada pelo salto no qual você o tira do chão para desviar de obstáculos, por exemplo.

² 2008 a 2023: esse marco teórico engloba o período de funcionamento da ONG Skateistan a partir do ano em que foi oficialmente fundada até os dias atuais.

Vencedora do Oscar 2020 pelo curta metragem “Aprendendo a Andar de Skate em uma Zona de Guerra (Se Você for Uma Garota)”, a ONG Skateistan vem colecionando importantes prêmios por sua forte atuação no empoderamento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade por meio do esporte e da educação, sendo algumas de suas conquistas o Prêmio COI Mulheres e Esportes 2020, Top 100 Maiores Inovadores em Educação 2018, Prêmio We Work Creator Berlim 2017, ONG Conselheira – 67º posição no Top 500 ONGs mundiais 2016, entre outros.

Fundada em 2008 pelo australiano Oliver Percovich na capital do Afeganistão, Cabul, a ONG iniciou seus trabalhos dando aulas de skate para crianças que queriam aprender o esporte e em seguida desenvolveram programas educacionais a fim de proporcionar aos seus participantes, especialmente as meninas, as habilidades necessárias para se tornarem lideranças em suas comunidades. Desta forma, os resultados positivos alcançados contribuíram para a atração cada vez maior de apoiadores e patrocinadores deste projeto, causando a expansão da ONG para países como Camboja em 2011 e África do Sul em 2014, chegando a registrar a marca de 3749 estudantes em 2020, segundo a Skateistan.

Tais feitos chamam a atenção para um novo fenômeno global que vem tomando força desde meados da década de 1990: a alta proliferação de organizações de Esporte para o Desenvolvimento e a Paz (EDP) e ONGs associadas ao “Esporte e Juventude”. Dados expostos pela UNICEF em 2020 apontam que aproximadamente 1 em cada 500 crianças no mundo participam de iniciativas de EDP responsáveis por sediar programas em quase todos os países. Desta forma, pode-se ter uma breve noção de como o desenvolvimento socioeconômico em conjunto com o fortalecimento da construção da paz proporcionados por tais entidades vem ganhando espaço principalmente em países do Sul Global³.

Com isso, elas conseguem facilmente atingir o reconhecimento internacional por fortes instituições como a ONU, por exemplo, ao passo que também são alvo de críticas referentes aos reais impactos que podem causar, como a disseminação dos vieses neoliberal e neocolonizador, o alcance limitado dos benefícios restritos ao nível individual dos estudantes e não ao coletivo que contemple a comunidade, o fortalecimento de estereótipos sobre as culturas participantes, entre outras indagações conforme trazidas por Holly Thorpe (2012), que questionam a eficácia dos resultados obtidos pelas ONGs EDP também associadas ao “Esporte e Juventude” quanto agentes ativos na disseminação da paz positiva e propulsores de melhorias factíveis de cunho econômico e social.

Nesta perspectiva, diante do constante crescimento das organizações deste nicho e, conseqüentemente, das problemáticas decorrentes deste fenômeno que podem gerar resultados contraditórios como os mencionados acima, nota-se a necessidade de trazer o case de uma das ONGs EDP com grande visibilidade, a Skateistan, e analisar o seu desempenho no Afeganistão durante os 15 anos após a sua inauguração.

Assim sendo, convém levantar a seguinte questão: os programas de educação e esporte desenvolvidos pela ONG Skateistan estão conseguindo atingir

³ “Expressão cunhada no final da Guerra Fria para fazer referência aos países e às sociedades em desenvolvimento do hemisfério Sul, bem como a outros localizados no hemisfério Norte, que possuem indicadores de desenvolvimento médios e baixos. Estes países são na maioria jovens nações africanas e asiáticas, mas também Estados latino-americanos independentes há mais de dois séculos.” (PINO, p. 57, 2014)

resultados eficazes na construção da cultura de desenvolvimento e paz nas comunidades afegãs em que atuam?

A fim de respondê-la, a presente pesquisa tem como objetivo geral a avaliação dos impactos causados pelos programas da Skateistan na vida de seus participantes, isto é, crianças e jovens na faixa etária de 5 a 17 anos, bem como seu aproveitamento para a sociedade afegã considerando o período de 2008 a 2023.

Para tal propósito, foram delineados os seguintes objetivos específicos: apresentar as principais características das organizações de EDP e ONGs associadas ao “Esporte e Juventude” e seu desenvolvimento na sociedade afegã; elencar parâmetros de avaliação crítica do desempenho da Skateistan no Afeganistão e identificar a evolução social a nível individual e coletivo dos participantes.

Parte-se da hipótese de que as estratégias aplicadas pela Skateistan, as quais envolvem a prática do esporte conjugada com o fornecimento de educação e responsabilidade cultural, refletem numa forte representação do movimento de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz, uma vez que por meio da construção de valores e habilidades como respeito, autoconfiança, etiqueta social, trabalho em grupo, resolução de problemas, empoderamento feminino, entre outros pontos, se alcança a transformação positiva dos alunos e colaboradores majoritariamente em situação de vulnerabilidade.

Neste sentido, com o intuito de viabilizar o teste da hipótese, desenvolve-se uma pesquisa de finalidade básica estratégica com objetivo descritivo exploratório, sob o método hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa e realizada pela análise de livros, artigos, documentários e entrevistas já concedidas por membros da Skateistan.

Na primeira seção, são delimitados os conceitos de paz e segurança - essenciais para a compreensão de todo o debate a ser desenvolvido - por meio da apresentação de teorias e termos trazidos nos estudos para a paz.

Na segunda seção, são apresentadas a dinâmica do movimento de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz (EDP), o surgimento e crescimento das ONGs deste setor e as críticas relacionadas a elas.

Na terceira seção, são abordadas as ONGs EDP no continente asiático, mais especificamente nas regiões Sul e Sudeste, as conquistas e dificuldades enfrentadas e o como o Afeganistão recebe esse movimento.

Na quarta seção, são discutidas a inserção dos Esportes Radicais para o Desenvolvimento e a Paz (ERDP) no Afeganistão, os desafios socioculturais, a criação da ONG Skateistan, seu desenvolvimento e críticas recebidas.

Na quinta seção, são traçados três parâmetros avaliativos sobre as ONGs EDP e realiza-se uma análise crítica da Skateistan com base neles apontando como esta se sobressai em cada tópico.

Ao final, conclui-se que os objetivos são atendidos e a pergunta encontra-se respondida com a confirmação da hipótese, apontando que o bom desempenho obtido pela Skateistan comprova o forte potencial do movimento de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz na transformação de zonas vulneráveis e de alto risco em novas realidades pacíficas por meios não violentos propagados por atores não estatais que, quando aplicados corretamente em grupos mais fragilizados, colaboram para a construção de mudanças estruturais positivas em níveis domésticos e internacionais.

2 UM NOVO OLHAR SOBRE A PAZ E SEGURANÇA

Antes de nos aprofundarmos nas discussões envolvidas ao tema geral norteador do presente artigo, isto é, a atuação de organizações não governamentais no setor de Esportes para Desenvolvimento e Paz (EDP), convém regredir um pouco e iniciar este debate a partir da delimitação dos termos-chave “paz” e “segurança”. Considerando as diversas interpretações que podem ser conferidas a estas palavras, a definição aqui feita visa proporcionar um entendimento mais adequado e coerente com as ideias discorridas ao longo do texto.

Neste sentido, traz-se a noção de paz e segurança - conceito interligados - sob a ótica da Ciência Política, pois é necessário contextualizar como vêm sendo estudados e aplicados no sistema internacional para que se possa compreender a escolha da sua definição exata. Logo, conforme articulado por Jorge Silva (2002), a produção acadêmica referente à paz e segurança é dividida em duas principais abordagens: o realismo político, defendido pela “escola realista” clássica e o modelo de interdependência, discutido pela “escola idealista”. Dentre elas, direciona-se o foco à primeira devido a sua tradicional predominância. O realismo político foi influenciado por autores como Maquiavel, Hobbes, Morgenthau, e Waltz e popularizado durante o século XX, particularmente durante a Guerra Fria, suas principais características prevalecem na supremacia do Estado como ator internacional em detrimento das demais organizações e instituições; na priorização das questões de poder e segurança como *alta política (high politics)* em sua agenda internacional ao passo que outros temas como economia, problemas demográficos e ambientais são deixados de lados e tidos como *baixa política (low politics)*, também sendo desprezados princípios morais e democráticos.

Tal dinâmica acaba resultando em um ponto importante para as relações entre os Estados em que, numa lógica de supervalorização do poder, o parâmetro utilizado para mensurar essa variante se dá na potencialidade do uso da força militar que vai guiar a performance destes atores no conflito de seus interesses. Então, na perspectiva do realismo político, a paz e a segurança ficam restritas à lógica nacional, pois só podem ser alcançadas por meio do *equilíbrio de poder (balance of power)* entre os Estados.

A predominância dessa narrativa passa a encontrar maior espaço para ser discutida sob outras óticas e interpretações a partir da Teoria Crítica originada pelos acadêmicos da Escola de Frankfurt, principalmente Max Horkheimer (1990). Ao trazer a ideia da dialética do esclarecimento, Horkheimer apontava para o padrão da epistemologia produzida por cientistas políticos a partir de critérios ocidentais tidos como neutros e absolutos, sem considerar a influência de variáveis como as estruturas sociais e histórias específicas. Além disso, ele também destaca a ligação existente entre conhecimento e poder, onde a colocação do Estado como ator principal dos estudos -tal qual no realismo político- faz com que quaisquer alterações que venham a acontecer sejam alinhadas aos interesses estatais. (SILVA, 2005)

Diante disso, a Teoria Crítica defende a emancipação humana e, portanto, superação dessas teorias tradicionais, de maneira que, conforme aprofundado por Robert W. Cox (1995), admita-se que os conhecimentos não são neutros, nem absolutos, mas representam um contexto histórico, político e econômico. Neste sentido, deixa-se o caminho fértil para que abordagens tradicionais, sejam questionadas e ganhem novas teorias, tal qual apresentado por Ken Booth (2013). Segundo ele, esse posicionamento tradicional repercute na continuidade de ameaças e contra ameaças militares, no aumento da corrida armamentista em níveis

de destruição desproporcionais aos níveis de segurança e nos gastos estrondosos que esses setores refletem para a economia.

É importante enfatizar, ainda, que no âmbito interno dos Estados as consequências do realismo político são facilmente percebidas na perpetuação dos problemas domésticos causada pela distorção de prioridades dos governos estatais, cujo foco em garantir sua existência na sociedade internacional diante de potenciais inimigos acaba resultando na deficiência em ofertar políticas públicas úteis à população, que ajudem a melhorar as condições de vida desta. Neste sentido, a realidade doméstica de muitos países precisa lidar com a persistência de lacunas sociais que contribuem para a prevalência da violência estrutural dentre suas comunidades e podem ser exportadas para o ambiente externo.

Em decorrência dos efeitos negativos mencionados, os questionamentos sobre a eficácia, tanto do realismo político como do liberalismo, começaram a ganhar força e favorecerem o desenvolvimento de novas ideias e debates sob a visão do que Booth (2013) classificou como realismo utópico, que busca ir além do realismo, acrescentando as ideias de ética global e os princípios de ordem mundial, não mais nacional. Desta forma, essa nova corrente de pensamento intencionava expandir a lógica tradicional de segurança restringida ao Estado e ao poder militar para a adesão de níveis mínimos de justiça social e política, que seriam mais úteis para a solução dos problemas enfrentados tanto em esfera doméstica como mundial.

A fim de conquistar tal mudança, o realismo utópico defende a emancipação como um ponto-chave, pois ela implica justamente na liberação da limitação hegemônica da segurança ao aparelho estatal militar, e da estrutura estatal, permitindo que essa agenda absorva um caráter holístico e possua mais fluidez para englobar outras esferas como a segurança socioeconômica e física desde o nível individual do ser humano. Logo, uma vez que há a emancipação das questões de segurança, dá-se espaço para que outros atores além do Estado também sejam considerados como importantes ferramentas em prol da obtenção de resultados condizentes com a nova ótica holística. Portanto, partindo desta constatação, convém usar no presente artigo a definição de paz delimitada por Johan Galtung (1995) em que a paz não se restringe à mera antítese de guerra e à ausência desta.

O conceito de paz trazido por este autor é tido como algo muito mais abrangente, sendo dividido em paz negativa e paz positiva. A primeira assemelha-se às ideias da escola realista e refere-se justamente à noção mais superficial sobre a paz limitada somente à inexistência de guerras entre os Estados. Tal modelo não elimina a predisposição para o conflito direto caracterizada em grande parte pela violência estrutural expressada em diversos níveis, como o bullying e a violência contra grupos marginalizados – mulheres, LGBTQIAP+, negros, indígenas, dentre outros. Em contrapartida, a paz positiva tem um olhar mais amplo que se estende para além da ausência de violência direta e foca também em métodos de prevenção identificados no combate à violência estrutural fruto de injustiças socioeconômicas, armamento e militarização, somadas e autenticadas por culturas sociais permeadas principalmente por desrespeito aos direitos humanos, a partir de crenças ideológicas ou religiosas (violência cultural⁴). Portanto, a paz positiva pressupõe a superação da violência estrutural e cultural.

⁴ Violência cultural é definida aqui como qualquer aspecto de uma cultura que pode ser usado para legitimar a violência em sua forma direta ou estrutural (GALTUNG, 1990, p. 291)

Neste sentido, para atingir tais resultados mais complexos, é necessário que haja cooperação entre os povos e nações, a partir de diversos níveis de análise (indivíduos, sociedades, estados, organizações não governamentais, governamentais, regionais, internacionais) a fim de produzir soluções eficazes nesse processo de mudanças estruturais em prol de construção de uma sociedade com melhores condições para que as pessoas possam exercer sua existência e cidadania de maneira digna e não sejam levadas a operar a mais banal forma de conflito, isto é, a violência, cujas consequências carregam consigo o potencial de transcender barreiras domésticas e afetar o âmbito internacional, conforme pontuado por Jorge Silva:

... A inviabilidade dessas condições prévias à cidadania implica uma *reação social* sem fronteiras. Quem tem fome, sede, medo ou ódio não respeita a cidadania do outro. Violência e imigração são consequências naturais que se seguem, assim como o Estado policial e militar e a fiscalização de fronteiras. (SILVA, 2002, p. 41)

A necessidade da colaboração mútua entre variados atores internacionais fortalece o conceito de paz positiva como abordagem mais coerente com a sociedade global interdependente da contemporaneidade. Neste campo, outra definição também se mostra pertinente aos estudos aqui desenvolvidos: a *segurança positiva*, que possui grande semelhança com as noções de abordagem multi-ator e holística defendidas pelas ideias de emancipação e paz positiva apresentadas até o momento. Para além disso, a segurança positiva pode ser encarada como uma concepção mais acolhedora, pois faz questão de enfatizar a sua desvinculação da tradicional imagem de medo e uso da força e busca se associar a outros tipos de valores, como justiça, direitos humanos e direitos das minorias, por exemplo, que a permitirá atingir desde a existência individual (GJORV, 2012).

Essa é uma das principais preocupações da segurança positiva, segundo Gunhild Gjorv (2012), pois, conforme já citado, a abordagem tradicional deixa desamparada milhares de pessoas, principalmente as que vivem em situação vulnerável, logo, a segurança humana, conectada com os conceitos de Booth, de emancipação, é posta em evidência, uma vez que direciona a atenção para o indivíduo e comunidades quanto fatores de alta relevância a também serem considerados nas agendas de segurança tanto como receptores, bem como atores responsáveis pela resolução de problemas. A lógica de emancipação, da segurança positiva, se conecta à lógica da capacitação, o que é fundamental para este trabalho.

Tal posicionamento parte de outro aspecto crucial para a segurança positiva, detectado no incentivo ao uso de meios não violentos (métodos de cooperação, criação de políticas, debates e diálogos), pois o objetivo é justamente alcançar um ambiente social seguro através da construção do sentimento coletivo de confiança entre os membros das comunidades, que implicará na formação e fortalecimento dos laços sociais, a partir de atores domésticos e internacionais.

Neste sentido, pode-se compreender a legitimidade que a segurança positiva confere às mulheres, minorias, comunidades, centros de pesquisa, ONGs e ativistas quanto agentes ativos em prol da segurança, pois eles têm um contato direto com os indivíduos e grupos marginalizados pelo desamparo das políticas estatais de bem-estar socioeconômico e, devido a esta proximidade, tais agentes conseguem dar voz a essa parcela da população, torná-la mais visível aos do Estado e formuladores de

políticas, sendo capazes também de desenhar respostas mais assertivas para as dificuldades e vulnerabilidade enraizadas no caminho dessas pessoas. Essa lógica tem sua base fortalecida pelo conceito de *peacebuilding from below* (paz construída de baixo) Hiroshi Oda (2007), em que no contexto multi-ator traz a especificação de quais atores não-estatais devem receber o foco.

Neste caso, o olhar não é voltado para corporações transnacionais ou grandes ONGs internacionais, mas os membros locais das comunidades que, conforme já discutido, através da criação de boas relações nacionais, étnicas, raciais, religiosas e/ou políticas criam a devida estrutura social que torna a paz e segurança em algo de fato sustentável. Estes pontos ressaltados pela dinâmica de *peacebuilding from below* em conjunto com os ideais de paz positiva e segurança positiva proporcionam o encaixe perfeito para a desconstrução do sentimento convencional repassado durante gerações de que uma sociedade pacífica e a manutenção dessa paz são coisas alheias e distantes à realidade do cidadão comum e conferem um assunto que diz respeito quase que exclusivamente às regiões que presenciam guerras e conflitos propriamente ditos e, por isso, subentende-se que os únicos responsáveis com algum poder de resolução são os dirigentes dos Estados e demais políticos que detêm o uso da força.

Os conceitos trazidos por essas ideias de paz e segurança positiva permitem que essa ótica vertical seja transformada em horizontal a partir do momento em que abre a mente das pessoas para o reconhecimento de que a eclosão dos confrontos não é um fenômeno independente que surge de maneira natural, mas sim o resultado final de tensões formadas e intensificadas ao longo do tempo, cujo início geralmente ocorre a nível local por questões mais sutis presenciadas no dia a dia, como o subdesenvolvimento socioeconômico, a intolerância sobre as diferentes religiões, raças, etnias, visões políticas etc. Uma vez que se toma consciência dessa lógica, o conhecimento de que a paz não constitui um fim em si, mas um processo, do qual a base é formada também pelo cotidiano da sociedade civil, cria-se espaço para que essas pessoas percebam o quanto esse tema se faz presente na sua própria realidade e não somente em uma guerra sediada em outro continente.

O sentimento de identificação criado a partir dessa mudança permite que os indivíduos se atentem também ao que acontece em suas comunidades e consigam se enxergar como membros capazes de trazer resoluções, possibilitando que haja a transformação estrutural dificilmente atingida pelo tradicional meio estatal militar. A respeito deste, ainda se faz necessário ressaltar que o objetivo aqui não é defender uma visão utópica que despreza a importância do uso da força militar pelo Estado tanto para fins internacionais como domésticos (segurança negativa), mas, concordando com Gjørv (2012), intenciona-se estimular a inclusão de outros potenciais atores (desde organizações internacionais até civis) com métodos não-violentos, para que em meio a essa diversidade de opções possa-se oferecer uma “assistência personalizada”, isto é, escolher as opções mais eficazes levando em consideração o nível de atuação (local, nacional e internacional), o contexto e os valores.

3 ESPORTES PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ

O debate realizado até o momento em relação aos estudos da paz serve para nos situar em relação à transformação de abordagem referente ao tema que adentra e se potencializa no século XXI em detrimento do acirramento das relações proporcionado pela globalização. Assim sendo, consegue-se ter uma noção de como

os conceitos de paz e segurança tratados inicialmente de forma mais restrita vão ganhando mais espaço e tornando-se mais abrangentes, de maneira a possibilitar que diversas frentes de atuação comecem a constituir o cenário doméstico e internacional. Neste sentido, em meio a tanta variedade, o presente artigo se compromete a destacar a atuação do esporte na promoção da paz.

A associação dos esportes a movimentos sociais com o intuito de chamar atenção para problemas sociais, políticos e culturais é um fenômeno que vem se desenvolvendo a partir dos anos 1960 desde o nível local ao nível global (THORPE, 2012). A alta proliferação de organizações não governamentais (ONGs) voltadas para esse setor é bem representada através do exemplo do Nepal, cujo aumento foi de 157 a 3.799 localidades operacionais de ONGs de Esporte para o Desenvolvimento e a Paz (EDP) e ONGs de “Juventude e Esportes” entre os anos de 1990 e 2000 (SAPKOTA, 2018). Essa demonstração reflete bem as proporções que esse movimento vinha ganhando, de maneira a levar as Nações Unidas (ONU) a considerarem o esporte como um agente de forte potencial para a realização das Metas de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas (MDMs) criadas em setembro de 2000 com o objetivo de até 2015 sanar diversos problemas elencados em oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), dos quais o oitavo, definido como “parceria global para o desenvolvimento” –, seria interligado aos esportes.

A compreensão acerca da real importância do esporte como uma das ferramentas protagonistas do desenvolvimento e não mais como um subproduto deste pode ser atingida a partir das análises trazidas no Relatório da Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz produzido pela ONU no início de século XXI. A partir do conteúdo lá exposto, entende-se que a definição de “esporte” refere-se ao conceito comum de “todas as formas de atividade física que contribuam para a boa forma física, para o bem-estar mental e para a interação social”, segundo a ONU (2003), mas o que diverge nesse novo contexto é o objetivo sobre o qual eles são incentivados, isto é, o foco não se detém na criação de novos campeões ou no desenvolvimento do esporte em si, mas sim em utilizar o esporte de forma estratégica e coordenada, interligado a iniciativas mais abrangentes que influenciem no desenvolvimento humano sustentável – que vai além das questões econômicas- e na construção da paz.

Então, mediante esse redirecionamento, o esporte consegue preservar seu caráter holístico de alcance físico, emocional e social, conforme citado acima, e por meio de outras conexões causar transformações que podem ser percebidas em diversas áreas, como no desenvolvimento econômico em que o setor de esportes possui grande peso mundial e segue em constante crescimento, aumentando seus lucros em uma estimativa de 5,2% no último ano, representados pela progressão de U\$486,61 bilhões em 2022 para U\$512,14 bilhões em 2023, de acordo com o relatório publicado em abril pela empresa Research and Markets. Tais números são expressados na fabricação de produtos esportivos, prestação de serviços, desenvolvimento de infraestrutura, eventos esportivos e mídia, que ao realizar parcerias estratégicas com alguns agentes como governos, agências da ONU, ONGs, grupos da comunidade e empregadores de empresas de pequeno e médio porte, além de impulsionar o desenvolvimento da economia local também auxiliam na inserção dos jovens no mercado de trabalho, uma vez que a prática de esportes ensina habilidades como o trabalho em equipe, a liderança, a disciplina e o valor do esforço. (ONU, 2003)

Partindo desta perspectiva, nota-se que os avanços econômicos alcançados pelo esporte caminham em conjunto com o desenvolvimento e a coesão social, pois quando implementado principalmente entre os jovens, muito além da própria saúde física, as habilidades trabalhadas formam valores que auxiliam na criação de conexões entre os indivíduos de maneira a contribuir em várias vertentes, como no combate à exclusão social, na reabilitação de trabalhadores infantis, na integração de grupos marginalizados em suas comunidades. Ademais, os esportes podem representar um forma de impedimento dos jovens se envolverem e/ou retornarem à criminalidade por lhes dar acesso a um ambiente permeado de contatos positivos com adultos e colegas e atividades construtivas; contribuem para a promoção da equidade de gênero ao enfatizar as potencialidades físicas e psicológicas de meninas e mulheres, contribuindo para o empoderamento feminino e para a dissipação de concepções errôneas e estigmas sobre as mesmas e, por fim, fornecem um meio de inclusão para pessoas com deficiência (PCD) que geralmente lidam com barreiras impostas na sociedade e as induzem à própria exclusão de espaços interativos.

A todos os benefícios causados pelo esporte citados até então, pode-se ainda adicionar um último complemento bastante significativo, que é sua ação mais direcionada para a promoção da paz. Em conjunto com a integração social, a ONU ressalta que o esporte também proporciona o desenvolvimento da tolerância, conferindo-o um caráter internacional e possibilita transitar com maior facilidade pelas culturas e auxiliar na interação entre diferentes povos por meio da disponibilização de programas que permitem a construção da estrutura essencial para a manutenção da paz em ambientes comunitários permeados por conflitos e tensão social. Estes podem ser exemplificados pelos espaços em que vivem órfãos, refugiados e ex soldados infantis, em que o esporte estimula a criação de caráter e confiança no primeiro grupo de jovens desalentados, auxiliam o segundo grupo a superar os traumas e a aflição do deslocamento, da violência, desestruturação familiar e acesso restrito à educação, e quanto aos ex soldados infantis, brutalmente arrancados das suas comunidades e expostos à violência extrema, o esporte lhes oferece um espaço seguro para que possam voltar a brincar e serem crianças, canalizarem a raiva e aprenderem a controlar a agressividade. (ONU, 2003)

Através do recorrido ao longo desta seção, é possível assimilar o por quê do esporte ganhar tanto peso como setor promotor do desenvolvimento e da paz, uma vez que ele consegue reunir habilidades individuais repassadas para o coletivo, desde o nível local, com a atuação em comunidades, até o nível global, por meio de organizações esportivas internacionais, contribuindo para a ampliação das interações interculturais e logrando erguer a estrutura necessária para a paz sustentável, que inclui a atuação em escala indireta, isto é, em áreas socioeconômicas, como em escala direta por meio da inserção de programas esportivos em áreas pós guerra (pós conflito). Tendo isso em vista, torna-se inevitável o incentivo ao surgimento de atores no ramo esportivo para que um maior número de pessoas possa ser favorecido, principalmente crianças e jovens.

Portanto, dentre as diversas categorias existentes, a seguir daremos foco às organizações não governamentais sem fins lucrativos de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz (EDP) e às ONGs de “Juventude e Esporte”.

Análises realizadas pela professora Naofumi Suzuki (2018) sobre o site *International Platform on Sport Development* – criado em 2003 visando contribuir para desenvolvimento do setor EDP - apontam que dentre o período de 2012 a 2018 foram registrados 948 cadastros de órgãos válidos, dos quais a grande maioria era

expressa em 686 ONGs EDP e comprovava o predomínio desta área quanto agente ativo. A fim de formar uma visualização mais precisa acerca do surgimento das ONGs no setor de esporte, convém ressaltar que inicialmente não haviam muitas organizações especificamente criadas para isso, a Mathare Youth Sports Association criada em 1987 nas comunidades em situação de vulnerabilidade em Nairóbi-Quênia deu início ao movimento que foi crescendo timidamente por meio da inserção de esportes e seus ensinamentos nas atividades de ONGs já existentes no campo do desenvolvimento internacional, na mesma medida em que organizações de esporte também começavam a aderir à causa desenvolvimentista global.

Esse período serviu como uma “fase de teste” para ver se essa junção de setores teria uma performance positiva a ponto de permitirem que as ONGs pudessem sobreviver a longo prazo, então, uma vez que os indícios de sucesso passaram a se tornar mais visíveis e chamarem a atenção das Nações Unidas, conforme já exposto, o apoio desta legitimou a existência das ONGs de Esporte para o Desenvolvimento e a Paz e fortaleceu o setor, culminando numa expansão acelerada entre o fim dos anos 1990 e meados de 2000, chegando a atingir seu ápice nos anos de 2008 e 2009 quando os números de crescimento contabilizavam respectivamente o surgimento de 54 e 49 ONGs por ano, de acordo com o *International Platform on Sport Development*. (SUZUKI, 2018)⁵

Após o boom da primeira década de 2000, os registros passaram a apresentar um certo declínio, atraindo a atenção para o que Hannan e Freeman (1989) e outros autores nomearam de “teoria da dependência da densidade populacional ecológica” a fim de explicar tal oscilação de crescimento. De acordo com eles, esse padrão delineado pela criação de um novo setor de organizações a um ritmo mais vagaroso, seguido pela sua popularização e frenética fundação de novas entidades sofreria um desaceleramento, podendo indicar a saturação deste setor, pois uma vez que ele se populariza, o aumento na atração de investidores e doadores não consegue acompanhar a expansão das ONGs EDP, fazendo com que seja intensificada a competição entre elas em prol da manutenção da sua própria existência, o que, conseqüentemente, implica na contração desta “população” (SUZUKI, 2018). Este cenário é bastante pertinente para a condução de um debate a respeito da real dinâmica em torno da viabilidade para que essas ONGs permaneçam ativas no contexto contemporâneo neoliberal, pois mesmo que seu propósito seja contribuir para causas respeitáveis como a conscientização sobre determinados problemas sociais desde o nível local ao global, elas necessitam de recursos financeiros – mesmo que os colaboradores sejam majoritariamente voluntários - não só para promover suas atividades como para oferecer assistência de qualidade aos seus participantes.

Ao examinar a existência das ONGs EDP e dos outros diversos setores por essa lente, vão surgindo algumas críticas dignas de serem levadas em consideração, conforme apontado por Holly Thorpe e Robert Rinehart (2012). Inicialmente os olhares se voltam à causa do surgimento destas que grosso modo advém da falta de alcance do Estado e de políticas públicas voltadas para as áreas em situação de vulnerabilidade, o que é intensificado no contexto neoliberal a partir do momento em que a lógica econômica defendida por este modelo impõe o corte de gastos públicos geralmente voltados para as áreas de investimento social, como

⁵⁵ Vale destacar que tais dados se restringem às organizações cadastradas na plataforma, em especial àquelas que puderam ter seu histórico de origem identificados; logo, demais entidades alheias ao site não estão incluídas na análise.

educação, saúde e assistência de renda, por exemplo. Esse posicionamento legitima a negligência do Estado para com seu povo e em especial as camadas populacionais mais necessitadas, fazendo com que surja a primeira implicação sobre o papel das ONGs, isto é, elas se tornam protagonistas na promoção de resoluções humanitárias através de pedagogia pública e políticas culturais, e passam a assumir responsabilidades que naturalmente pertencem ao Estado.

Logo, a ascensão das ONGs acaba implicando na normalização do recuo do Estado e, conseqüentemente nessa inversão de papéis em que as ONGs em conjunto com partes da sociedade civil podem incorporar também um caráter de oposição política aos governos. Outro ponto levantado por Thorpe e Rinehart (2012) destaca que há uma certa continuidade da hegemonia ocidental no nicho das ONGs notada no leve privilégio a que são expostas internacionalmente, principalmente após os ataques às Torres Gêmeas do dia 11 de setembro nos Estados Unidos, conferindo “carta branca” para que os ativismos praticados pelas organizações internacionais ocidentais com base nos padrões da sua cultura dificilmente sejam considerados como atividades criminais. Essa predominância não só do Ocidente, mas também do Norte é percebida na própria origem e distribuição geográfica das ONGs EDP, em que a Europa concentra a maior base de origem das ONGs (43%), as quais operam seus serviços na África e na Ásia; já no continente norte-americano as ONGs são geradas majoritariamente nos Estados Unidos e suas operações direcionam-se para a América Latina e o Caribe, mostrando que ainda há o domínio da relação Norte-Sul Global mesmo que existam organizações Norte-Norte e Sul-Sul representadas em menores quantidades. (SUZUKI, 2018)

Por fim, a última questão levantada à respeito da existência das ONGs EDP traz uma junção da influência tanto da hegemonia Norte-Sul como dos próprios governos com que essas organizações atuam - ainda que estes se ausentem quanto promotores de políticas humanitárias, o fato de governarem os territórios onde as ONGs operam lhes confere o direito de impor regras que podem auxiliá-las ou prejudicá-las, fazendo com que tenham uma certa dependência tanto com o poder público como com seus patrocinadores privados que em certa medida intervêm e influenciam nos posicionamentos e administração desses órgãos a fim de promoverem seus valores pessoais ou a si mesmos. Em muitos casos, isso leva as organizações a deixarem de ser somente filantrópicas e a adotarem um teor lucrativo principalmente por meio da super marketingzação, que no caso das ONGs EDP e de “Juventude e Esportes” pode ser detectado na exposição apelativa de crianças e jovens. Tal dinâmica influencia na maneira de usar a imagem destes para causar pena ou culpa nos interlocutores e influenciá-los a doar.

4 ORGANIZAÇÕES DE EDP NA ÁSIA: O CONTEXTO AFGÃO

As abordagens até aqui introduzidas proporcionam uma visão geral das características das ONGs, seu processo de desenvolvimento com o passar dos anos, as percepções externas em relação a elas que apontam para além dos benefícios repetidamente reforçados e destacam também os efeitos colaterais que podem ser ocasionados, e oferecem, ainda, uma dimensão sobre sua distribuição geográfica que contribui para a produção de análises geopolíticas em torno desse fenômeno de alcance internacional. Neste sentido, em meio a concepções tão amplas, esta seção direciona seu conteúdo na análise restringida à Ásia que mesmo estando entre as principais regiões de atuação das organizações de EDP – ficando atrás apenas da Europa e África (SPORTANDDEV, 2018) - ainda possui uma

enorme lacuna no investimento voltado para este setor, principalmente na produção científica essencial para o seu desenvolvimento.

De início a principal constatação feita acerca das ações relacionadas ao Esporte para o Desenvolvimento e a Paz na Ásia se dá na alocação desproporcional dos programas e projetos deste setor, pois eles estão concentrados quase que exclusivamente nas regiões Sul e Sudeste que hospedam respectivamente mais de 10% e 15% da taxa mundial, de acordo com dados disponibilizados pela UNICEF em 2019, e ao serem contempladas com tamanho foco acabam deixando o restante das áreas asiáticas desassistidas. Mas ainda vale ressaltar que mesmo dentro dessas duas regiões há outro contexto de desproporção protagonizado pelo realce da Índia em detrimento dos demais países, fazendo com que enquanto a primeira seja palco de pesquisas e estudos voltados para a área de EDP, o restante tenha pouco ou quase nenhum material produzido. (ARJUN E TAYDE, 2020)

Por este motivo o trabalho desenvolvido por Kabeer Arjun e Prashant Tayde (2020) merece receber a devida relevância, uma vez que em seu detalhado relatório trouxeram uma análise pioneira que engloba ambas as regiões Sul e Sudeste por meio de países como Bangladesh, Camboja, Indonésia, Mianmar, Nepal, Sri Lanka e Vietnã e descentralizam o foco conferido majoritariamente a um único país. Assim sendo, percebe-se que o perfil das entidades EDP é formado em maior parte por organizações como as ONGs, mas também há uma porcentagem de outros atores internacionais, e ambos trabalham com a inserção de EDP durante um período superior a 5 anos com atuação predominante a nível nacional (52%), seguido pelo internacional (33%) e subnacional (15%). (*Idem*)

Os programas ofertados incluem principalmente os seguintes esportes: futebol (76%) – esse tornou-se o favorito de boa parte das organizações por permitir que grandes grupos possam participar das dinâmicas –, críquete (24%) e voleibol (24%), ainda havendo uma considerável parte que usa outros esportes como caminhada, skateboarding, netball⁶ e karatê. Em conjunto com outras atividades, a experiência vivenciada pelos agentes de EDP possibilita observar padrões de conquistas e desafios enfrentados pelo setor vistos já de início pela coincidência das áreas de atuação, as quais apontam preferência para a equidade de gênero e o empoderamento feminino (86%), o desenvolvimento de jovens e crianças (86%), educação e aprendizado (71%), inclusão e/ou integração social (43%) e saúde e bem-estar -inclusive saúde pública. (ARJUN E TAYDE, 2020)

O foco em trazer mudanças adequadas a esses âmbitos nas comunidades em que os programas foram aplicados implicou na percepção de resultados como o aumento da consciência sobre o positivo custo-benefício de se trabalhar com esportes, pois são dinâmicas com baixo custo e simples de serem executadas; a facilitação do engajamento de crianças e possibilidade de ter acesso a atividades extracurriculares, algo de grande importância, considerando que as crianças contempladas vêm de origens bem pobres e dificilmente têm acesso aos esportes ou até mesmo a atividades recreativas - o que lhes é garantido como direito de acordo com:

⁶ Netball é um jogo oficialmente lançado em 1901 na Inglaterra e posteriormente expandido para países do Império Britânico. Sendo majoritariamente praticado por mulheres, ele envolve 14 jogadores (7 em cada equipe, mais um máximo de 5 reservas para cada equipe). A ideia do jogo é passar a bola de um membro da equipe para outro para que um gol possa ser marcado de dentro do círculo de tiro, jogando a bola através do anel do poste de netball. o jogo é muito semelhante ao basquete; no entanto, a bola só pode ser quicada uma vez. (CALLOW E HARDY, 2001)

... o artigo 1º da Carta da Educação Física e do Esporte adotada pela UNESCO em 1978. A carta declara: “a prática da educação física e do esporte é um direito humano fundamental para todos” ... e o artigo 31º da Convenção dos Direitos da Criança, que reconhece “o direito da criança ao descanso e ao lazer, à brincadeira e às atividades de recreação apropriadas à idade da criança” (ONU, 2003).

Além do já elencado, também foi notada a redução em problemas enfrentados pela população feminina com a violência, houve a maior conscientização sobre como prevenir a gravidez precoce e aumento na mobilidade feminina que em muitos casos ficavam restringidas à suas casas e escolas, pois tarefas que exigiam transitar por outros locais era designadas aos meninos. Em relação a estes, também foi constatada uma melhora na forma como conviviam nos mesmos espaços que as meninas -uma mentalidade trabalhada por meio de jogos e outras atividades mistas-, havendo ainda um impacto a nível familiar a partir do momento em que os pais (maiores portadores das ideias e crenças estereotipadas sobre a capacidade feminina e seus direitos) passaram a perceber que suas filhas conseguiam realizar muito mais coisas do que eles imaginavam, isto à medida em que acompanhavam o progresso delas nos programas EDP. (ANJUR E TAYDE, 2020)

Estas conquistas, à primeira vista, podem até parecer pouco significativas, mas quando se traz à tona tudo o que foi debatido até o momento a respeito de como as iniciativas em prol da construção da paz (positiva) necessitam vir de uma maneira que esta seja de fato sustentável, isto é, que ela não se limite à cessão - com prazo de validade - de conflitos e guerras, mas que possa ser desfrutada a longo prazo, acompanhada por qualidade de vida. Quando se compreende essa concepção e a importância de provocar mudanças estruturais para atingi-la, então pode-se perceber que essas “pequenas” transformações distribuídas localmente nas comunidades para indivíduos em situação de vulnerabilidade é a própria mudança estrutural sendo esculpida diariamente por meio de trabalhos realizados ao longo de anos que vão aos poucos erguendo uma relação de confiança nos grupos atingidos direta ou indiretamente, que abre caminho para a desconstrução de crenças e/ou estereótipos nocivos.

Neste sentido, a fim de ampliar seu alcance, as organizações de EDP do Sul e Sudeste asiático apostam em parcerias com outras instituições presentes nas comunidades, como escolas, caridade e até mesmo federações esportivas para garantir que seus treinadores tenham melhor qualificação referente a questões técnicas, mas direcionadas à inclusão de objetivos sociais. Mesmo representando tantos avanços em diversas dimensões, conforme mencionado, o setor de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz enfrenta desafios para ganhar mais espaço na Ásia e contemplar mais pessoas necessitadas, bem como para melhorar a qualidade dos programas já existentes. (ARJUN E TAYDE, 2020)

Tais dificuldades são facilmente pontuadas nas restrições orçamentárias e de financiamento - apontadas como relevantes por 99% das organizações (ANJUR E TAYDE, 2020) - provenientes do desinteresse de setores privados e corporativos por investirem em algo que não consideram como uma ferramenta potencial de marketing para seus negócios, ou seja, não vêm vantagem em realizar parcerias. Também são impedimentos a falta de treinadores qualificados para liderarem projetos voltados para EDP, especialmente de treinadoras femininas que são cruciais para atuação de equidade de gênero e a dificuldade de entrega dos programas devido à falta de locais amplos adequados para a realização dos

esportes na imediações urbanas, fazendo com que a área rural seja o ambiente que mais supre essas necessidades devido à maior disponibilidade de lugares vazios, acarretando, conseqüentemente, em obstáculos de locomoção para que os participantes consigam manter uma frequência contínua.

Todas essas questões de teor mais técnico são fomentadas por outras barreiras mais “sensíveis” advindas da própria cultura local das regiões asiáticas bem como das crenças precipitadas cultivadas sobre a prática de esportes, que automaticamente gera a associação destes à simples função de performance, isto é, à mera execução de exercícios e não conseguem enxergar todo o potencial holístico acoplado ao setor. Por este motivo o alcance dos projetos EDP às crianças e adolescentes é também afetado de forma negativa, pois essa desinformação em consenso comunitário motiva a falta de ação do governo no tocante à criação de políticas públicas que respaldem o desenvolvimento EDP; além disso, a participação feminina é duramente prejudicada pela responsabilidade social culturalmente imposta e reafirmada por suas famílias em que as meninas, a partir da puberdade, devem estar comprometidas com a realização das tarefas de casa e em muitos casos, com o casamento, ou seja, o tradicional papel imposto socialmente à mulher.

Logo, neste contexto social, a imersão na prática de esportes representa uma distração ou até mesmo um empecilho para que as garotas permaneçam focadas nos objetivos mencionados, o que as leva a pararem de frequentar os programas de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz até mesmo nos casos em que as organizações desenvolvem um relacionamento de anos com as meninas e seus familiares. (ARJUN E TAYDE, 2020). Essa dinâmica presente em diversos países pode ser bem exemplificada observando-se o Afeganistão por meio de uma análise acerca das barreiras ocasionadas pela cultura de gênero atrelada aos aspectos religiosos e demais convicções sociais. Antes de adentrar diretamente nos desafios vivenciados pelo setor de EDP neste território, convém trazer algumas informações necessárias para amenizar a subjetividade e proporcionar a melhor compreensão das realidades em que essas organizações operam.

Sendo um dos Estados que mais ganharam destaque na mídia internacional nos últimos anos, especialmente em 2021 após a retomada do regime Talibã, o Afeganistão carrega consigo desde a sua formação uma história permeada por conflitos e guerras, severas dificuldades socioeconômicas inclinadas a uma das maiores taxas de pobreza mundial - é o 5º país com menor renda per capita do mundo, segundo dados do Banco Mundial coletados entre 2020 e 2021-, ressaltando-se também a forte discriminação de gênero. Todos esses aspectos não podem ser explicados somente ao olhar notícias superficialmente lançadas nos principais canais midiáticos, pois há todo um histórico de centenas de anos responsável por estruturar certas características que contribuíram à chegada da situação atualmente presenciada no Afeganistão, isto é, a destruição dos árduos progressos alcançados no período de reconstrução do pós-guerra de 2001 devido ao retorno de um governo fundamentalista ao poder, provocado pela invasão estadunidense.

A fim de compreender brevemente sobre as causas estruturais que contribuíram para formar a realidade instável do Afeganistão, serão mencionadas as três principais razões pontuadas por Amin Saikal (2004) que abordam problemas desde a formação das classes políticas predominantes até o papel do extremismo ideológico. Neste sentido, a própria construção do Estado foi influenciada em primeiro lugar por adversidades advindas da poligamia entre a elite política - motivada pelo interesse em realizar alianças com diferentes tribos ou grupos étnicos

e até mesmo por meros interesses pessoais. Os casamentos feitos com múltiplas esposas resultaram em uma variedade de herdeiros que deu início à desordem política no país, tal qual exposto por Aureo Gomes (2007):

“Destarte, o grande número de herdeiros, a confusão acerca do *status* dos mesmos e da ordem hierárquica culminou em um sem-número de conflitos entre meios-irmãos e seus parentes, impedindo a consolidação de instituições governamentais: o que era criado por um líder era subsequente revogado pelo seguinte.” (GOMES, 2007)

Essa situação era fomentada pelo segundo ponto que traz as interferências externas de outros países performadas durante todo esse processo de (des)estabilização dos grupos políticos afegãos, pois uma vez que o país se localizava numa região de grande relevância estratégica por além de ser o ponto de contato entre o Ocidente e o Oriente, ainda dispor de riquezas minerais, o Afeganistão atraía o interesse de seus vizinhos e das potências mundiais que performavam consecutivas invasões no território por meio de alianças políticas feitas com grupos afegãos aspirantes ao poder. Tal dinâmica encontrou seus momentos de ápice no século XIX, com o alinhamento automático do Afeganistão à Inglaterra durante a disputa desta com a Rússia Czarista pelo seu domínio, que nesta primeira fase contribuiu para um período de estabilização e unificação do país, mas mais à frente na segunda metade do século XX causou o efeito contrário, acarretando a eclosão da Guerra do Afeganistão de 1979 sob disputas da União Soviética desta vez com grupos financiados pelos Estados Unidos. (SAIKAL, 2004)

As características políticas e, conseqüentemente, estruturais que iam se formando no Afeganistão foram coroadas pelo terceiro e último elemento: o extremismo ideológico. Este guiou todas as fases governamentais do país – “o Constitucionalismo de Amanullah Khan, o Gradualismo dos Musahiban, a “Nova Democracia” de Zahir Shah e até o Fundamentalismo do Talibã” (GOMES, 2008) – em que nenhum líder tentava ponderar sobre questões de desenvolvimento socioeconômico, crenças religiosas, cidadania etc., mas agia unicamente mediante a centralização do seu poder tida como crucial e talvez até mesmo o caminho “mais fácil” para se manter como elite num território constituído por diversificados clãs, tribos e grupos populacionais.

É neste contexto que se seguem alguns dos principais eventos da história afegã, como os 10 anos de Guerra do Afeganistão (1979), a ascensão do Talibã em 1996 e a “intervenção” dos Estados Unidos no Afeganistão a partir do fim de 2001, consecutivos acontecimentos que acirraram o estado de fragilidade da sociedade afegã e abriram caminho para o período de reconstrução já no cenário neoliberal em que começaram a surgir os debates acerca de melhores formas de alcançar a paz e a segurança, conforme discorrido na primeira seção. Neste cenário, deu-se espaço para a inserção dos outros atores (organizações não-governamentais, empresas, instituições...), dentre eles os responsáveis pela implementação de projetos de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz que buscava cooperar com o reerguimento dessa sociedade através da mudança estrutural causada pelo trabalho com as comunidades e indivíduos mais afetados à medida que construíam a paz e segurança positiva por meios não violentos.

Este breve apanhado sobre a formação do Afeganistão e alguns de seus principais acontecimentos visa desmistificar a ideia repassada através de representações midiáticas – geralmente feitas pela ótica ocidental de maneira estereotipada ou superficial – sobre os reais problemas enfrentados por essa

sociedade e pelas organizações que tentam ajudá-la mesmo dentro das suas limitações e chamar atenção para o fato de que a raiz desses problemas estruturais, principalmente enfrentados pelas mulheres, não provém somente de questões religiosas mulçumanas, por mais que esta também esteja diretamente interligada à construção do país quanto República Islâmica do Afeganistão, mas de fatores tão comuns quanto a qualquer outra nação, isto é, as agendas políticas, econômicas e sociais priorizadas pelos governos do país. Então, tendo-se em vista que as dificuldades existentes nesta sociedade aglomeram todos esses elementos e representam algo muito mais complexo do que o esperado pelo senso comum, facilita-se o entendimento de que os desafios enfrentados pelas organizações de EDP para atuarem nesses espaços não se reduz a uma simples arrecadação de fundos para o funcionamento das atividades ou uma permissão vinda da família para sua filha possa participar dos projetos, na realidade diária tais desafios herdam também toda essa complexidade mencionada.

Sara N. Amin (2019) confirma essas afirmações por meio da sua pesquisa que aborda a experiência feminina afegã com esportes, mais especificamente da área de artes marciais, contada do ponto de vista das próprias mulheres e engloba também pontos econômicos e culturais acerca do tema. De início já se sobressai a informação a respeito de como a prática de esportes é entendida na cultura afegã, em que diferentemente da noção em grande parte ocidental disso ser visto como algo positivo, que deve ser incentivado e tornado acessível a dimensões cada vez mais crescentes, no Afeganistão o esporte é visto como algo “chique”, privilegiado, pois requer investimento de tempo e dinheiro, e, numa realidade configurada pela violência e insegurança política e econômica, não é comum que as pessoas disponham desses recursos para priorizarem algo que não é tido como essencial para suas vidas.

Por conta dessas crenças sociais geram-se dois problemas fundamentais: o primeiro consiste na monopolização do setor dos esportes, pois uma vez que não é tido como algo suficientemente relevante para a sociedade, dificilmente o governo, doadores locais e/ou internacionais destinam investimentos públicos para o desenvolvimento dessa área, abrindo espaço para que a iniciativa privada liderada por pessoas poderosas tome controle da administração dos esportes e a execute sob seus próprios valores e objetivos. O segundo problema traz o acirramento da discriminação de gênero, pois a partir do momento em que o esporte é associado ao status de privilégio e às pessoas de maior poder aquisitivo, sua prática é automaticamente destinada ao público masculino, devido ao viés patriarcal machista dominante subtende-se que ele será o único detentor dessas condições; logo, ver mulheres no mesmo nível de ascensão é tido como uma certa forma de afronta, o que na maioria dos casos repercute em situações de violência. (AMIN, 2019)

Essas questões compõem a base estrutural tanto das comunidades em que os projetos atuam como do território nacional como um todo, e devido à gritante diferença da gravidade das consequências geradas, isto é, enquanto os saldos podem causar uma desaceleração na expansão do setor dos esportes, também geram em um grau maior a prática de violência em diversos níveis e a continuidade da exclusão do gênero feminino. Por este motivo, compreende-se a razão da área de equidade de gênero e empoderamento feminino como a maior prioridade das organizações de Esporte para o Desenvolvimento e a Paz no Afeganistão e em todo o Sul e Sudeste da Ásia, pois salvo algumas especificidades das culturas locais, o padrão de maior desvantagem e repressão é sofrido justamente pelo público feminino. Ainda utilizando o exemplo da participação feminina afegã nos esportes,

devido por exemplo às vestimentas utilizadas que são moldadas nos padrões ocidentais, por mais que as afegãs adaptem as roupas às exigências mulçumanas, o senso comum afegão encara a participação delas nesses esportes como uma transgressão cultural e religiosa aos ideais de modéstia e sexualidade.

Como resultado, caso não degradem a imagem das garotas julgando-as como prostitutas, podem reproduzir atos violentos nos piores casos, como lhes arremessar pedras e/ou no melhor cenário simplesmente ignoram as conquistas, principalmente internacionais, alcançadas pelas mulheres em campeonatos e olimpíadas, conforme relatado por praticantes afegãs de karatê, algo que não acontece quando essas conquistas vêm de homens, vistos até mesmo como um orgulho para a nação. Devido a esse espectro de comportamentos, em que nenhum é de fato positivo, ocorre outra particularidade da realidade feminina afegã nos esportes, caracterizada pela auto escolha por não serem expostas na mídia internacional e caso venha acontecer é preciso que seja de forma cuidadosamente acordada, pois a exposição gerada pode ocasionar reações conforme as citadas. Neste sentido, pode-se perceber o quão delicada é a questão do uso midiático e, uma vez que esse é um dos principais meios utilizados para promover os projetos EDP e arrecadar fundos e doações, é preciso se ater em como as organizações responsáveis por essas atividades conciliam sua coexistência com o respeito pelas diversidades vivenciadas por seus integrantes. (AMIN, 2019)

5 ESPORTES RADICAIS: DO OLLIE À PAZ

Mesmo em meio a tantos obstáculos o setor dos esportes tem encontrado formas de florescer na sociedade afegã, ainda que a passos lentos. Dentro do histórico do desenvolvimento das práticas esportivas, a restrição da participação feminina nem sempre ocorreu no mesmo nível e isso podia ser visto antes da ascensão do governo Talibã na segunda metade dos anos 1990, quando as mulheres tinham maior liberdade neste âmbito e se envolviam publicamente nas atividades, fosse por meio do oferecimento de esportes como basquete e vôlei na grade curricular das escolas ou até mesmo pela formação de times de ciclismo. (AMIN, 2019) Tais direitos foram dizimados durante o domínio do Talibã, pois as leis criadas tornavam praticamente impossível as mulheres se envolverem nos esportes, fazendo com que estas ainda encontrassem “brechas” para fazê-lo, mas somente fora do seu país e em muitos casos em condição de refugiadas. Assim permaneceram até que a queda desse regime trouxe a possibilidade de reconquista dos antigos direitos que lhes foram tirados, o que nesse novo contexto apresentava maiores dificuldades devido às marcas culturais de altos níveis de discriminação de gênero deixadas pelo antigo governo.

De todo modo, no início do século XXI a reinserção feminina na área esportiva foi acontecendo sutilmente com a influência das tropas estrangeiras e trabalhadores humanitários em conjunto com a expansão do leque de opções de esportes praticados pelos homens, como artes marciais e cricket, por exemplo, e o sucesso que esses novos nichos alcançava acabava impactando indiretamente na criação de possíveis novas oportunidades para as mulheres começarem a ter acesso novamente ao esporte. A questão do surgimento de algo novo no Afeganistão é um ponto interessante, pois permitiu que se “burlassem” algumas regras sociais e tornasse um pouco mais fácil a mudança de certos pensamentos e crenças cultivadas nas comunidades afegãs, uma vez que a falta de regulamentação preexistente deu um pouco mais de espaço para que se criassem diretrizes mais

modernas e com maior grau de inclusão. Um ótimo exemplo disso foi a introdução do skateboarding na cultura afegã, caracterizado inicialmente pela baixa atividade até que a criação da ONG Skateistan focada no ensino do esporte para crianças e adolescentes popularizou a prática do skate no Afeganistão de maneira revolucionária a ponto de atrair o reconhecimento internacional e até mesmo ganhar um Oscar.

Tal sucesso colocou esta ONG como uma referência no setor de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz, tornando relevante a sua escolha quanto case a ser analisado e avaliado no presente artigo. Trazendo mais detalhes sobre sua origem, a Skateistan teve um início bem singular protagonizado pela chegada do skatista australiano Oliver Percovich no Afeganistão em 2006 para permanecer junto à sua namorada Sharna Nolan, que por meio da sua qualificação como Mestre em Desenvolvimento Internacional e Análise Ambiental foi exercer um cargo na Unidade de Reconstrução e Avaliação do Afeganistão. (THORPE, 2014) Ao realizar atividades comuns do seu cotidiano nas ruas de Cabul, como andar de skate, Oliver se deparou com uma realidade que não fazia questão de esconder os resquícios do seu passado marcado por guerras e conflitos vistos em representações diárias de pobreza e violência. O cenário afegão na primeira década do século XXI é bem retratado no relato feito por Shams, um homem nativo de Cabul que colaborava com os projetos da Skateistan, conforme consta no livro do jornalista André Fran:

“A coisa era tão feia que o próprio Shams, nascido e criado no centro de Cabul, nos contou em um inglês muito bom para quem não havia tido nenhuma educação formal: “Diferentemente do que os defensores da liberdade e dos direitos humanos acreditam, o afegão médio, trabalhador e desvinculado de qualquer movimento extremista, pensa que a presença ostensiva das forças americanas é um bom sinal! A linguagem da guerra impera no país há décadas! Resolver desavenças na base da violência é comum. Por isso, somente uma força maior consegue coibir as constantes batalhas que afetam o cidadão comum.” Quais eram as vítimas mais inocentes dessa situação eternamente caótica? As crianças, claro. E elas formam 70% da população do Afeganistão. “Cabul é uma cidade que foi projetada para abrigar duzentos mil habitantes, e hoje eles são quase 5 milhões. Em um cotidiano de pobreza e violência, sobram poucas oportunidades para as crianças aqui. A maioria delas fica nas ruas. Não há muito o que fazer. Ou não havia”, completou Shams, com indisfarçável orgulho por colaborar com o projeto. (FRAN, 2013, p. 390)

A passagem acima demonstra exatamente o que Oliver encontrou, ele percebeu que seu skate intrigava e causava curiosidade nas crianças presentes nas ruas e as incentivou a se aproximarem para brincarem e conhecerem o esporte do skateboarding. O entusiasmo das crianças diante algo tão simples lhe causou grande comoção e fez urgir dentro dele a necessidade de contribuir de alguma forma para melhorar a vida dessas crianças e tantas outras que viviam em ambientes de alto risco permeados pela pobreza, então, a partir desse momento Percovich passou a oferecer aulas grátis de skate para crianças em situação de vulnerabilidade. Mesmo com o fim do seu relacionamento que foi o motivo da sua mudança para o Afeganistão, ele decidiu permanecer lá, pois encontrou nas ações filantrópicas um propósito maior; logo, à medida que esse projeto informal ia dando certo e atraía cada vez mais participantes, houve a necessidade de ampliar o acesso às aulas para uma maior quantidade de alunos e com isso Oliver Percovich em parceria com os investimentos de alguns amigos criou a ONG Skateistan em 2008. (THORPE, 2014)

Conforme o convívio com os participantes ia se desenvolvendo, principalmente na construção de uma relação de confiança, foram percebidas novas demandas desse público vindas principalmente das meninas que sentiam a necessidade de um local privado para poderem participar das aulas de maneira segura e gostariam de ter acesso à educação, segundo relatado por Zainab Hussaini⁷. Então diante dessa situação Percovich criou o projeto da primeira Escola de Skate visando construir um espaço físico próprio para a ONG e oferecer não somente aulas de skate, mas educação também. A conquista de apoiadores foi tamanha que no ano seguinte a ONG arrecadou cerca de U\$1 milhão de dólares em doações locais e internacionais e foi presenteada pelo Comitê Olímpico do Afeganistão com um espaço de quase 1.800 m² para o desenvolvimento do projeto, que resultou num enorme parque de skate para as atividades práticas e uma estrutura própria para as aulas teóricas e educacionais de linguagem e arte. Os positivos resultados advindos dessa iniciativa ocasionaram o ganho de prêmios internacionais, a maior atração de apoiadores e investidores e, conseqüentemente, a expansão de novas unidades da Skateistan para Camboja (2011), Mazar-i-Sharif no Afeganistão (2013) e África do Sul (2014).

As propostas trabalhadas pela Skateistan abrangem crianças e jovens de 5 a 17 anos de idade e visa transformá-los em futuros líderes de suas comunidades por meio de atividades holísticas criadas em prol do desenvolvimento das habilidades intra/interpessoais dos participantes de modo a afetar não somente suas vidas pessoais, mas também a prepará-los para que tenham um melhor posicionamento em outros âmbitos, como o familiar, escolar e profissional, por exemplo, e numa maior dimensão influenciem na construção de posicionamentos baseados no respeito entre as diferenças culturais e de gênero. Ao refletir sobre tais objetivos, pode-se surgir algumas indagações sobre o quão desafiador é traçar uma “fórmula” assertiva para a realização dessas metas desenhadas por um estrangeiro num país com cultura e valores totalmente contrastantes do seu (Afeganistão x Austrália) e como manter uma organização nesses parâmetros funcionando a longo termo.

Tendo em mente algumas dessas preocupações, a Skateistan desde a sua fundação se posiciona como uma instituição independente e neutra que atua no dia a dia com seus participantes priorizando protocolos que caso não impeçam totalmente a influência ocidental sobre seus alunos – o que na realidade é basicamente impossível, uma vez que trata-se de uma ONG transnacional composta por funcionários (voluntários ou não) de outras nacionalidades e mantém contato direto com os alunos-, ao menos possam diminuir o grau do impacto sobre eles, pois de acordo com o destacado por Percovich, se as crianças que frequentam a ONG voltam para suas casas reproduzindo ideias e valores específicos da cultura ocidental isso não será bem aceito pelos seus familiares que, conseqüentemente, irão proibi-los de permanecerem participando da ONG. Ao expor esse lado experienciado pelo backstage da Skateistan, faz-se necessário abrir um breve parêntese sobre o padrão representado por esse tipo de preocupação para as organizações, especialmente aquelas do nicho de esportes radicais.

Reconhece-se que no caso específico trazido no presente texto é realmente mais sensível desenvolver interações ocidentais num contexto muçulmano devido às particularidades da religião, cultura e tudo o mais, porém esse cuidado com o

⁷ Dados coletados em entrevista concedida por Zainab Hussaini (Gerente nacional da Skateista) e Rory Burke (IntIAf'03) sobre a situação da Skateistan no Afeganistão em 16 de junho de 2022 ao Bolder's International Affairs Program da Universidade do Colorado dos Estados Unidos.

respeito às diversidades culturais é algo compartilhado entre diversas organizações do mesmo setor, uma vez que a maioria dos fundadores são estrangeiros ocidentais. Holly Thorpe (2014) e Holly Thorpe e Robert Rinehart (2012) exploram essas semelhanças observadas desde as origens das ONGs EDP de esportes radicais, em que o movimento em si geralmente é iniciado por praticantes – homens ocidentais brancos de alto nível educacional, em sua grande maioria - profundamente envolvidos na cultura desses esportes que, ao se aventurarem em viagens a exóticos países estrangeiros motivadas por objetivos individualistas, se deparam com realidades de pobreza e demais mazelas vivenciadas pelos nativos. Isso pode ser visto tanto na história da própria Skateistan, como no enredo da ONG SurfAid International promotora de serviços de saúde e aulas de surf, sua criação adveio da experiência do Dr. Dave Jenkins após realizar uma viagem de surf para as Ilhas Mentawai na Indonésia e se deparar com o estado de pobreza, miséria e mortes causadas pela malária e outras doenças preventivas vivenciado pelos locais. A dissonância advinda do contraste entre esses contextos e os espaços privilegiados normalmente frequentados por esses viajantes facilita que haja um “estado de choque” seguido por momentos reflexivos que tendem a levá-los a adesão do ativismo.

Ressaltando-se, ainda, que essa não se trata de uma regra comportamental disposta em todos os praticantes de esportes, na mesma medida em essa comoção pode ser causada ela pode também não atingir muitas pessoas ou não o suficiente para levá-las a se envolverem em causas filantrópicas. Mas aqueles que chegaram a criar organizações sem fins lucrativos visando ajudar a solucionar problemas sociais que julgavam relevantes, seguiram esse padrão de terem conflitos internos causados pelo contato com o dia a dia daqueles que vivem nas camadas marginalizadas da sociedade em territórios estrangeiros. Quanto a estes, é interessante observar como as diferenças culturais também passam a ser um fator importante para a escolha da prática de ativismos e implementação de ONGs, pois mesmo que seus propagadores tenham vários casos de problemas sociais em seus próprios países, a ideia de “ajudar” o outro visto como exótico se apresenta como algo mais apelativo, assim notado por Thorpe (2014). Logo, com a escolha pela atuação em outro país vem a preocupação e responsabilidade acerca de planejar cautelosamente dinâmicas que possam ser encaixadas dentro dos limites socioculturais deste país.

Neste aspecto, a Skateistan conseguiu êxito em implementar seus programas, cujo foco no esporte do skateboarding é utilizado mais como um meio de atrair as crianças e adolescentes para que tenham vontade de participar da ONG. Uma vez que esse desejo é despertado, a prática do esporte é condicionada ao comparecimento dos alunos às aulas educacionais, pois elas representam o principal meio de construção de valores e habilidades que auxiliam nas mudanças sociais desejadas pela Skateistan. Essa atuação projetada a longo prazo permitiu à ONG ganhar progressivamente a confiança das comunidades locais com que trabalham e ir desenvolvendo relações de networking com atores de diversos setores, como políticos, empresários, instituições internacionais, ONGs etc. o que contribuiu para seu crescimento e possibilitou que a quantidade de 350 alunos contemplados pela Skateistan em 2011 fosse elevada para 3749 no ano de 2020. (SKATEISTAN, 2021)

Ainda que esta organização venha produzindo um trabalho incrível, principalmente no tocante à inclusão e ao empoderamento do gênero feminino que constitui mais da metade de seus participantes, algumas visões críticas são

levantadas a respeito da ONG como o debate conduzido por Sahar Ghumkor (acadêmica com pesquisas voltadas para áreas das ciências sociais como violência política, direito, psicanálise e diferenças políticas) em que ela aponta consequências negativas da maneira ocidentalizada com que a Skateistan retrata suas atividades na mídia, principalmente em relação à exposição feminina no documentário ganhador do Oscar intitulado “Aprendendo a Andar de Skate Numa Zona de Guerra (Se Você for Uma Menina)”. Pontuações como essas chamam atenção para a necessidade de manter um olhar crítico para a atuação desta ONG, por mais que tenha um certo grau de reconhecimento internacional, e trazer uma análise mais assertiva acerca da sua performance também levando em consideração os possíveis “pontos fracos”.

6 SKATEISTAN: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Levando em consideração a expansão que o movimento de Esportes para o Desenvolvimento e a Paz adquiriu ao decorrer dos anos, sua performance desde o nível local ao global infere numa diversidade de atuações dentre as quais a realização de análises críticas consegue detectar uma variedade de falhas no processo de entrega dos objetivos propostos pelo movimento, como a promoção da paz, reconciliação e reconstrução de sociedades atingidas por conflitos de múltiplas naturezas. Então em meio a toda essa pluralidade, a necessidade de elencar problemas-padrão comuns à maioria dos órgãos e organizações EDP que auxiliem na produção de uma análise crítica sucinta, leva a presente seção a trazer os três principais pontos de falhas descritos por Richard Giulianotti (2011) como base de apoio para edificar as seguintes observações a serem discutidas especificamente sobre a Skateistan.

Esses três tipos de “padrões gerais de deficiência”, conforme nomeado por Giulianotti (2011), apontam em primeiro lugar para as fraquezas técnicas comumente identificadas nos projetos EDP e elas resultam da falta e/ou do despreparo de um planejamento financeiro eficiente que não sirva somente para fazer as atividades diárias rodarem, mas também para abarcarem possíveis gastos extras em relação à sua infraestrutura e materiais – como equipamentos danificados, por exemplo – e considera-se ainda os baixos níveis de fundos e verbas disponibilizados por esses para se manterem a longo prazo. Então, tais problemas implicam num ponto fundamental expressado na própria existência e sobrevivência dos programas e acabam refletindo em parte na qualidade do serviço prestado aos participantes, uma vez que pode não lhes ser garantido o acesso a uma estrutura com condições minimamente boas. Com isso, a organização financeira representa um importante fator a ser considerado para classificar o bom desempenho de uma organização EDP.

Em segundo lugar, apontam-se os defeitos práticos ou intersubjetivos identificados nas despreparadas relações entre os provedores dos projetos e aqueles que irão desfrutá-los. A falta de pesquisa e diálogo por parte dos idealizadores e colaboradores dessas iniciativas com as comunidades contempladas - a fim de terem uma noção mais precisa da realidade dessas pessoas e das condições locais- acaba ocasionando em propostas de atividades incoerentes com tais contextos sociais, pois como os programas são desenhados por indivíduos externos a elas e principalmente de outras nacionalidades numa relação Norte-Sul Global, na maioria dos casos eles chegam nos locais receptivos sabendo pouco ou até mesmo nada sobre cultura e os costumes do povo.

Esse fato contribui para que muitas das pautas programadas não consigam ser aplicadas na prática, como aconteceu na Zâmbia, por exemplo, onde voluntários de uma ONG EDP tentaram implementar o cricket mesmo esse esporte tendo pouca relevância cultural e baixa adesão pelos jovens. (SPAIIJ E JEANES, 2013) Logo, a ocorrência de conexões entre os desenvolvedores e aplicadores dos projetos e seu público-alvo bem como o nível de troca dessas conexões configura mais um ponto relevante para a avaliação da performance dentro do setor EDP, uma vez que influencia no quão assertivas serão as iniciativas idealizadas para as comunidades locais em que pretendem atuar.

Ao abordar a escolha do que será ou não implementado pelos projetos, o segundo ponto influencia na última deficiência, denominada fraqueza política ou crítica. Neste caso, a falta da inclusão desses elementos no momento de desenvolver as atividades dos programas EDP dificulta a produção de soluções disruptivas que gerem mudanças mais profundas para os problemas estruturais enfrentados pelas comunidades locais. Pois, é necessário que seja trabalhado o desenvolvimento do pensamento crítico dentro das organizações pelos colaboradores e, principalmente pelos participantes, para que possam analisar e questionar as causas das desigualdades socioeconômicas responsáveis pelas carências por eles enfrentadas. Desta maneira, há maiores probabilidades de que consigam se colocar como agentes ativos na transformação dessas estruturas. Portanto, a intensidade da inclusão de abordagens críticas e políticas pelas diretrizes do movimento EDP compõe o último fator imprescindível para a análise da atuação dessas organizações.

Fazendo-se então um breve apanhado, os principais requisitos que podem ser utilizados no embasamento de avaliação do desenvolvimento de organizações EDP quanto agentes ativos na realização de transformações sociais e econômicas incluem os níveis de organização financeira, conexões entre provedores e receptores e adesão às visões políticas e críticas. Por meio da delimitação desses fatores, a seguir será trazido o case de uma ONG EDP específica, a Skateistan, a fim de demonstrar as duas vertentes que envolvem tanto a demonstração mais palpável de como esses tópicos são percebidos na realidade das organizações e de que maneira a própria Skateistan tem seu desempenho nivelado de acordo com esses padrões.

Neste sentido, iniciando com a questão organizacional de fundos e verbas, Thorpe (2014) e Thorpe e Rinehart (2012) destacam que no geral, dentro do mercado altamente competitivo de ONGs, aquelas voltadas para o nicho dos esportes radicais apresentam maior adesão dos investidores (majoritariamente corporações e governos estrangeiros) pelo fato da imagem passada por meio desse tipo de esporte normalmente causar a sensação de ser uma genuína forma de praticar atividade física direcionada apenas à diversão. Essa “leveza” transmitida carrega consigo a percepção de ser algo apolítico, fazendo com que haja um apelo para que as entidades públicas sintam que esses sejam locais “seguros” para direcionarem seus investimentos, pois não irão interferir -mesmo que indiretamente - na atuação desses órgãos.

Tendo isso esclarecido, a Skateistan tem seu aporte financeiro composto por três principais fontes: os governos estrangeiros que são os maiores parceiros, companhias transnacionais do nicho de skate como a Blackbox Distribution e TSG que em 2012 representaram cerca de 31% das verbas recebidas e doadores individuais compostos em boa parte por participantes e apoiadores do próprio esporte skateboarding. Quanto à divisão da atuação de cada um desses, o grupo

das transnacionais se responsabiliza pela disponibilização dos equipamentos para as atividades esportivas (skateboards, rodas, capacetes etc.) e da promoção de eventos de conscientização e arrecadação de doações. Os apoiadores individuais, por mais que não representem a maior porcentagem monetária, eles têm o importante papel de gerar o capital simbólico necessário para dar legitimidade e visibilidade à ONG. Por fim, os governos de países como Dinamarca, Noruega, Alemanha e Estados Unidos fazem parte das doações em peso na faixa dos +U\$100.000 dólares do orçamento anual de aproximadamente U\$280.000 registrados em 2019 (SKATEISTAN, 2019)

Devido a essa configuração do suporte financeiro, a Skateistan consegue ter um bom nível de equilíbrio financeiro que lhe permita manter seu funcionamento diário e demais despesas que venham a surgir. Inclusive, é pertinente chamar atenção para um ponto dificilmente explícito não só em relação à Skateistan, mas às demais ONGs, cuja necessidade de desenvolver e manter um bom relacionamento com os agentes investidores requer que as ONGs direcionem parte dos fundos recebidos para ações que contemplem essas conexões, seja pela exposição de marketing ou pela implementação de demandas feitas pelos investidores nos próprios programas das ONGs. Essa dinâmica acaba criando uma relação de dependência, que restringe a liberdade das organizações para levarem adiante seus valores e objetivos e as obriga, de certa forma, a adotarem agendas que são consideradas importantes pelos financiadores – e seus próprios interesses – e muitas vezes divergem daquilo que é idealizado pelas organizações.

Uma vez que a Skateistan também é afetada por essa dinâmica, a saída por ela encontrada cai sobre sua adesão a alguns aspectos corporativos, como a sua transformação numa marca a ser rentabilizada por meio da venda de acessórios, roupas e demais objetos associados à imagem da ONG a serem consumidos por aqueles que realmente acreditam na causa do projeto. Esta forma de fortalecer a presença da ONG socialmente e em parte economicamente, ainda que favoreça à permanência da lógica neoliberal econômica de escassez que influencia nos padrões de injustiça social (CHOULIARAKI, 2010), contribui para que a longo-prazo a ONG vá se tornando autossustentável e autônoma, a partir do momento em que não precise recorrer tanto ao suporte financeiro dos órgãos públicos e corporativos e possa agir mais fielmente aos seus propósitos filantrópicos.

Em seguida, no tocante aos níveis de conexões entre provedores e receptores, é interessante reforçar o contexto em que a Skateistan é fundada, isto é, uma iniciativa idealizada por um indivíduo de origem ocidental caracterizado pelos padrões de privilégio (homem, branco, hétero, com alto nível de formação e condições financeiras), advindo de um país com consideráveis índices de desenvolvimento (Austrália) e ausência de conflitos. Já as comunidades locais receptoras, localizadas em regiões do Sul-Global (Sul da Ásia, África, e recentemente América Latina) são compostas por pessoas em situação de vulnerabilidade e diversidade étnico-racial, além de que, em relação ao Afeganistão – a unidade em foco deste estudo – ainda são adicionadas o contexto de alto-risco proveniente das guerras e recorrentes conflitos em conjunto à predominância da religião islâmica que impõe uma cultura totalmente diferente daquela vivenciada no Ocidente. Neste sentido, é imensurável o peso que cai sobre a necessidade de serem realizadas análises de campo antes e durante a implementação da Skateistan no Afeganistão, pois a sua aceitação pelas comunidades em que opera e até mesmo pelas instituições governamentais que viabilizam a própria permanência da ONG no

país, requer uma adaptação vinda do estrangeiro em relação aos aspectos locais, e não o oposto.

Diante dessa dinâmica, a Skateistan vem se sobressaindo desde o início de suas atividades ao aderir à participação da opinião local para o desenvolvimento personalizado dos projetos. A consciência em relação a essa necessidade certamente foi possibilitada pela experiência prévia de Oliver Percovich com gerência emergencial e sua formação em ciências sociais (THORPE, 2014), que o ajudou a compreender a sua posição social privilegiada e como os seus valores e cultura ocidentais podem não ser apropriados para a sociedade afegã e afetar negativamente as comunidades em que atua. Diante disso, a Skateistan adotou algumas medidas que incluem a inserção de voluntários e colaboradores locais e principalmente o estímulo a conversas transculturais entre o staff internacional e a juventude e famílias locais – este ponto é fortemente visto na participação feminina na ONG (mais de 50%), que para existir precisou que os funcionários dialogassem com os familiares das meninas, principalmente os mais idosos, para explicar sobre a dinâmica da ONG e como as atividades se dariam de uma maneira que respeitasse os costumes afegãos e protegesse a integridade das meninas. (Zainabi Hussaini para International Affairs Program em 2022)

Nesta perspectiva, seriam oferecidas educadoras femininas para as garotas, as sessões seriam iniciadas com recitação do Holy Quran e demais restrições islâmicas sugeridas pela comunidade em prol de conseguir o acesso dessas meninas à educação e ao esporte, como explicado pela gerente nacional da Skateistan, Zainabi Hussaini em 2022. Outro relato exposto por uma funcionária (de nome fictício) em entrevista concedida à Holly Thorpe exemplifica bem a coexistência de voluntários estrangeiros no contexto comunitário afegão:

“Emily admitiu: 'Eu realmente pensei muito sobre isso ... é certo impor nossas ideias de certo ou errado aos nossos participantes? Tentamos não nos envolver em questões familiares como casamento precoce..., mas algumas coisas [participantes cutucando umas as outras] de fato cruzam a linha [dos direitos humanos]” (THORPE, 2016)

Com isso, percebe-se que a ONG não é um caso perfeito de neutralidade ocidental idealizada pelas críticas e que este aspecto segue existindo, principalmente devido à influência das agendas dos investidores, conforme explanado no tópico anterior, mas na *práxis* apresenta grandes avanços em prol da minimização desse impacto a fim de criar uma estrutura cada vez mais adequada à comunidade afegã.

Por fim, quanto ao nível de visão política e crítica adotadas pela Skateistan, o diferencial da ONG é que os requisitos para a aceitação de voluntários e staff que serão responsáveis pela formulação dos programas oferecidos englobam além de interesses e habilidades voltadas ao skate, necessitam ter diplomas educacionais em desenvolvimento internacional ou áreas correlatas (THORPE, 2016) que tenham um entendimento “técnico” à respeito de questões culturais, políticas e socioeconômicas para que consigam produzir abordagens críticas no funcionamento da organização, porém de maneira que não penda à visão superficial sobre a atuação EDP somente com pontos positivos e benéficos, nem adote uma postura crítica radical que impossibilite o funcionamento da ONG em decorrência de possíveis danos causados às relações com os investidores e órgãos estatais.

Em relação a este último, vale reiterar o quão fundamental é ser bem aceito pelo governo vigente no país para a própria sobrevivência das organizações. Essa

pontuação é confirmada através dos últimos acontecimentos no Afeganistão após a retomada do Talibã onde as ONGs foram negativamente afetadas com a resolução de novas leis que proibiam mulheres de trabalharem em ONGs e negavam o acesso à educação para as meninas a partir dos 13 anos. O impacto gerado na Skateistan resultou no encerramento das atividades de suas unidades afegãs, uma vez que já estavam operando com quantidade reduzida de funcionários devido à fuga de boa parte deles para outros países em prol da segurança de suas vidas, incluindo Zainabi Hussaini, e os poucos que restaram eram majoritariamente mulheres. Além disso, como maioria dos participantes eram meninas, houve um déficit de participação daquelas com idade limite.

Com isso, o retorno das atividades presenciais já no início de 2023 contou somente com a presença de participantes masculinos e posteriormente com o feminino somente no ensino fundamental, representando um “retrocesso” nos níveis de inclusão de gênero da ONG, porém, claramente condicionado neste contexto aos fatores externos que limitam a sua atuação, o que pode ser utilizado com um forte exemplo para também acrescentar à discussão crítica de até que ponto as barreiras impostas pelo contexto político-social moldam a ação das organizações.

7 CONCLUSÃO

A fim de possibilitar maior compreensão acerca do movimento de Esportes para a o Desenvolvimento e a Paz e das ONGs que nele operam, em especial aquelas voltadas para os esportes radicais, o presente debate buscou traçar uma linha de raciocínio iniciada com a escolha do referencial de paz a ser utilizado, isto é, a paz positiva (GALTUNG, 1995) que engloba um contexto doméstico e internacional caracterizadas pela ausência de guerras e conflitos resultante da construção de melhor estrutura socioeconômica desde a esfera local e por meio da atuação conjunta de diversos agentes tanto tradicionais (Estado e força militar) como alternativos (ONGs, corporações, lideranças locais etc.).

Em seguida é destrinchada a importância dos Esportes quanto um dos meios para se alcançar esta realidade, pois quando implementado estrategicamente consegue proporcionar o desenvolvimento holístico dos grupos contemplados e gerar impactos de maior dimensão, como estímulos econômicos e melhoras sociais. Estes aspectos implicaram na promoção do movimento EDP pelas Nações Unidas, que teve como uma de suas consequências o alto crescimento das organizações não-governamentais voltadas para este setor, que conforme discutido, atinge seu ápice nos anos 2007-2008 e é caracterizado pela majoritariamente pela distribuição Norte-Sul Global, o que chama atenção para as críticas relacionadas à propagação da lógica imperialista e neocolonial por meio da atuação dessas ONGs.

Neste sentido, são adicionados ao decorrer das seções outros pontos críticos na performance das ONGs EDP, dentre os quais se destacam a fraqueza técnica, a falta de conexão entre provedores e receptores e a falta de visão política e crítica nos programas oferecidos. Mesmo com os benefícios oferecidos pelos projetos EDP, considera-se importante enfatizar que o principal propósito deste movimento é causar mudanças estruturais a nível coletivo, e essas metas não podem ser alcançadas com a implementação de projetos que tragam somente a prática de esportes restringidas a impactarem somente os participantes, isto é, à nível individual. Então, por este motivo é crucial que o presente debate tenha focado em grande parte nas deficiências de atuação dessas organizações para que as análises

feitas possam contribuir para a identificação de ONGs de boa performance e para a melhoria daquelas que apresentam tais faltas.

Nessa perspectiva, opta-se por delimitar a região de análise ao Sul e Sudeste Asiático por serem um dos maiores epicentros de ONGs EDP e dentro deste território é apresentada a ONG Skateistan como um case de sucesso. Ao ser fundada no Afeganistão – uma área de alto risco – pelo australiano Oliver Percovich, essa organização possui um dos melhores contextos para se analisar como é possível implementar e fazer vingar projetos EDP nos padrões de liderança estrangeira ocidental em um país do Sul Global, mais especificamente, uma sociedade oriental islâmica conservadora. Os estudos realizados apontam a existência de aspectos neocoloniais resultantes da influência ocidental naturalmente causada pelo contato dos voluntários e colaboradores internacionais com os participantes afegãos, mas em maior medida se sobressaem os esforços por parte da ONG para limitar ao máximo essa influência e incluir os valores e costumes locais até o ponto viável.

Além disso, um dos pontos destaques observados na Skateistan recai sobre a utilização de profissionais formados em áreas relacionadas às Ciências Sociais, algo que merece maior atenção das demais ONGs, pois é imprescindível que haja pessoas detentoras desses conhecimentos específicos para atuarem de maneira mais assertiva entre os diversos contextos socioculturais. A partir da atuação estratégica do time profissional da Skateistan cria-se a “Teoria de Mudança” utilizada para guiar a formação dos projetos da ONG. Sob tal teoria, os programas ajudam as crianças e adolescentes a aprenderem habilidades seguindo passo a passo um modelo de: *Problema > Programas > Solução > Resultados > Impacto*. (SKATEISTAN, 2021)

A primeira etapa engloba crianças e pré-adolescentes que têm *Problemas* de carência quanto ao acesso a espaços seguros, educação de qualidade e oportunidades para brincar. Através do skateboarding eles são conectados a *Programas* educacionais que os tornam parte de uma comunidade inclusiva que lhes oferece segurança, apoio e ajudam a desenvolver habilidades de comportamento e etiqueta social. Com isso, os participantes atingem a etapa da *Solução*, onde são introduzidos na Escola de Skate, onde terão acesso à educação, esportes e construção de novas amizades que contribuem para aprimorar seu senso de criatividade e resolução de problemas, pois os programas são desenhado de maneira a ajudar as crianças a examinarem suas próprias comunidades e aprender a administrar conflitos internos e externos à Escola de Skate por meio de lições que também focam na saúde mental. Desta forma, habilidades de trabalho em grupo, comunicação e busca por ajuda são estimuladas nos estudantes.

Posteriormente, já se podem ver os *Resultados* refletidos no surgimento e fortalecimento da autoconfiança nos alunos, que se tornam modelos para a geração mais nova, pois ao ter acesso ao skateboarding, tais alunos aprendem a importância da resiliência, de tentar novamente e são encorajados a aplicar todos os ensinamentos na sua vida. Logo, nesta etapa, habilidades de empatia e autoavaliação são geradas. Por fim, são levados à fase do *Impacto*, na qual finalizam os programas da Skateistan e o ensino médio como ferramentas para buscarem maiores ambições na educação e no mercado de trabalho, fazendo também parte de uma comunidade global de empoderamento jovem tornando-se líderes para um futuro melhor, pois os concluintes são encorajados a compartilhar seus aprendizados com seus irmãos e/ou semelhantes na comunidade, desenvolvendo, assim, a habilidade de definição de objetivos.

Com as transformações construídas a longo prazo, é possível constatar que a Skateistan se torna uma forte representante da lógica emancipatória de Booth (2013) sobre a inserção de atores alternativos na promoção da paz e segurança, a partir do momento em que o trabalho diário desta ONG com as comunidades locais auxilia na produção de mudanças neste contexto.

REFERÊNCIAS

AMIN, S. N. 'The right ways for me to do things for me': experiences of some Afghan women in entering and practising karate. *In*: MOLNAR G.; AMIN, S. N.; KANEMASU, Y. **Women, sport and exercise in the Asia-Pacific region: domination, resistance, accomodation**. 1ªed. New York: Routledge, 2019, cap. 6.

ANJUR, K.; TAYDE P. **Understanding sport for development sector in South and South East Asia. Pro Sport Development**. Nov/2020.

A principal manobra do skateboards Ollie e Nollie. Session Store. Disponível em: [https://www.sessionstore.com.br/blog/a-principal-manobra-do-skateboards-ollie-e-o-nollie#:~:text=O%20Ollie%20%C3%A9%20o%20salto,da%20frente\)%20para%20o%20alto](https://www.sessionstore.com.br/blog/a-principal-manobra-do-skateboards-ollie-e-o-nollie#:~:text=O%20Ollie%20%C3%A9%20o%20salto,da%20frente)%20para%20o%20alto). Acesso em: 29 mai 2023

BOOTH, Ken. **Seguridad y emancipación**. Grupo de Estudios de Relaciones Internacionales (GERI), p.99-116, jun/2013.

BORKOWSKI, A. et al. How are sport for development organizations keeping children healthy during COVID-19? **Unicef**, 2020. Disponível em: <https://www.unicef-irc.org/evidence-for-action/how-are-sport-for-development-organizations-keeping-children-healthy-during-covid-19/>> Acesso em: 13 mai 2023

Callow, N.; Hardy, L. **Types of Imagery Associated with Sport Confidence in Netball Players of Varying Skill Levels**. *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 13(1), p. 1–17. 2001.

CHOULIARAKI, L. **Post-humanitarianism: Humanitarian communication beyond a politics of pity**. *International Journal of Cultural Studies*, 13(2), 107-126. 2010.

COX, R. W. "Critical Political Economy", in HETTNE, B. **International Political Economy: Underglobal Disorder**. Nova Scotia: Fernwood Books, 1995.

CU BOLDER COLLEGE OF ARTS AND SCIENCES. Skateistan: a discussion with Skateistan on the current state of Afghanistan. Youtube, 16 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KdFABW5_oCM&t=2137s> Acesso em: 22 mai 2023

DURAN, F. P. O triângulo da violência de Johan Galtung: uma análise acerca do conflito civil do Iêmen, v. 18, p. 6-27. Jan-jun 2021

FRAN, A. **Não conta lá em casa: uma viagem pelos destinos mais polêmicos do mundo**. 1ªed. São Paulo: Record, 2013.

GALTUNG, Johan. **Cultural Violence**. *Journal of Peace Research*, Vol. 27, No. 3. (Aug., 1990), pp. 291-305, 1990

GALTUNG, J. **Peace by peaceful means**. London, Sage, 1995.

GJORV, G. H. **Security by any other name: negative security, positive security, and multi-actor security approach**. *Review of International Studies*, v. 38, issue 04, p. 835-859, fev/2012.

GLOBAL Speaker Series. **International Affairs Program**. Disponível em: <<https://www.colorado.edu/iafs/news-events/global-speaker-series>> Acesso em: 22 mai 2023

GOMES, A. de T. **Resenha: Modern Afghanistan: a history of struggle and survival**. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 30, nº 1, p. 209-215. Abr/2008.

HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. **Organizational Ecology**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.

KNIJNIK, J. Netball, uma paixão das garotas e mulheres australianas – mas somente delas? **História do Esporte**, 2012. Disponível em: <<https://historiadoesporte.wordpress.com/tag/netball-esporte-para-mulheres-esporte-misto/>> Acesso: 11 jun 2023.

MATHARE youth sports association. **Sport and Dev.org**. Disponível em: <<https://www.sportanddev.org/network/organisation-directory/mathare-youth-sports-association>> Acesso em: 26 mai 2023

OBJETIVOS de Desenvolvimento do Milênio. **UNFPA Brasil**. Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>> Acesso em: 24 mai 2023.

ODA, H. **Peacebuilding from below: theoretical and methodological considerations toward an anthropological study of peace**. Journal of the Graduate School of Letters, v.2, p. 1-16. Mar/2007.

OUR Impact. Skateistan, 2021. Disponível em: <https://www.skateistan.org/our-impact> Acesso em: 20 mai 2023

PINO, B. A. **Evolução histórica da Cooperação Sul-Sul (CSS)**. In: SOUZA, A. Repensando a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento. IPEA, 2014.

SAIKA, A. **Modern Afghanistan: a history of struggle and survival**. 1ªed. New York: I.B. Tauris, 2004.

SAPKOTA; BAHADUR J.; NEUPAN; PRAMILA. **Sport for Development and Peace (SDP) Organisations and the Sustainable Development Goals (SDGs) of Nepal**. Global Social Welfare, v. 8, p. 47-58. 2018.

SILVA, J. V. da. **A verdadeira paz: desafio do Estado democrático**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16(2), p.36-43, 2002.

SILVA, M. A. M. **Teoria Crítica em Relações Internacionais**. Contexto Internacional. Rio de Janeiro, v. 27, nº2, p. 249-282.

SPORTS global market report 2023. Research and Markets, 2023. Disponível em: <<https://www.researchandmarkets.com/reports/5781098/sports-global-market-report>>Acesso em: 25 mai 2023.

SUZUKI, N. Non-governmental organizations in the SDP system. *In*. COLLISON, H.; DARNELL S. C.; GIULIANOTTI R.; HOWE P. D. **Routledge handbook of sport for development and peace**. 1ªed. New York: Routledge, 2019, cap. 6.

THORPE, H. **Transnational mobilities in action sport cultures**. 1ªed. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

THORPE, H.; CHAWANSKY, M. The “girl effect” in action sports for development: the case of the female practioners of Skateistan. *In*: THORPE, H.; OLIVE, R. **Women in action sport cultures: identity, politics and experience**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

THORPE, H; RINEHART, R. **Action sports NGOs in a neo-liberal context: the cases of Skateistan and Surf Aid International**. Jornal of Sport and Social Issues, v. 37(2), p. 115-141. 2012.

UNICEF. **Getting into the game: understanding the evidence for child-focused sport for development**. Innocenti. Mar/2019.

UNIDAS, N. Esporte para o Desenvolvimento e a Paz: em direção à realização das Metas de Desenvolvimento do Milênio. Relatório de força tarefa entre agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz. 2003.